Sumário

Catalanidade Realista 9
Prefácio 17
1. Propósito 27
2. Identidade, Nação, Estado 31
3. Identidade compatível 39
4. Nosteridade e alteridade 47
5. Identidade, comunicação, utopia 57
6. Identidade concêntrica 67
7. Identidade e nacionalismo 77
8. O modelo catalão: uma tradição 83
9. Catalunha, Espanha, Europa 91
10. Aquém do Estado-nação 97
11. Do autonomismo ao soberanismo 103
12. Rumo à soberania compartilhada 111
13. A soberania da Catalunha no século XXI 117
14. A soberania da identidade 127
15. Uma cultura relacional 135
16. Globalização e cultura própria 141
17. Uma globalização sem fronteiras 147
18. As novas fronteiras da identidade 151
19. Consideração final 159
Bibliografia 163
Índice onomástico 167

1

Propósito

Vemos, neste final de século, uma época de grandes mudanças. A rapidez com que hoje circulam as trocas de mercadorias e os fluxos de informação de toda sorte nos levaram a uma globalização econômica e comunicacional como nunca antes existira na história da humanidade.As fronteiras tradicionais se vão apagando, e as culturas entram em contato à medida que os mercados se intercomunicam e as informações vão e vêm de um lado a outro do mundo em tempo real. Há quem acredite que esse processo de mundialização vai nos levar, inexoravelmente, a uma homogeneização das culturas e a uma dissolução das feições nacionais. Este livro pretende demonstrar precisamente o contrário.

De fato, estamos diante de três grandes crises: a crise das identidades simples, a crise dos âmbitos do poder político e a crise das culturas específicas num marco global. As páginas que se seguem procuram dar uma resposta a cada uma dessas três grandes questões: por que as identidades exclusivistas devem ceder a vez às identidades compatíveis? por que convém que o Estado-nação seja a cada dia menos Estado e a sua nação – ou cada uma das suas nações – mais nação? e por que a identidade, a consciência de se ter uma personalidade própria, que é muito mais que a cultura, a língua ou a economia, é precisamente aquilo que garante a participação específica da Catalunha num mundo a cada dia mais globalizado?

Agora, mais do que nunca, é favorável pensar globalmente e agir localmente. As identidades simples já não podem dar uma resposta aos requisitos de uma sociedade cuja principal característica é, cada vez mais, a complexidade.

Tampouco o poderiam fazer nem a continuidade de uma concepção de soberania como a dos estados, exclusiva, nem uma idéia de cultura limitada aos aspectos mais tradicionais de cada povo ou, se não, tendente a despersonalizá-los em nome de uma crescente homogeneização universal.

De modo já bastante evidente desde 1989, entraram em crise as identidades isoladas, o Estado-nação tradicional e o universalismo abstrato e desencarnado. Diante dessa tripla crise, seria um erro supor que caberia obstinar-se em fortalecer as identidades exclusivistas, que a Europa unida pode ser construída sem o respeito pela diversidade e que é possível continuar pensando o universalismo como uma moldura teórica à margem das realidades concretas das pessoas e dos povos. A verdadeira renovação do nacionalismo que está em movimento consiste precisamente em conciliar esses desafios. Porque o nacionalismo identitário, e não o estatismo, o nacionalismo que se faz compatível com a personalidade e a universalidade, é possivelmente uma das respostas mais genuínas que podem ser dadas à mundialização.

Estamos no limiar de uma nova época, na qual as realidades materiais e conceituais nunca mais voltarão a ser as mesmas que foram durante essa etapa das idéias e dos valores da modernidade que, iniciada em finais do século XVIII, agora deixamos para trás. É preciso que cada um faça o esforço de reflexão que a magnitude das mudanças está reclamando. Nós, catalães, podemos e havemos de fazê-la a partir da nossa própria experiência nacional, o que significa, entre outras coisas, que o faremos a partir da consciência da precariedade com que fomos nos construindo como povo ao longo de muitos períodos da nossa história. E a partir da força que nos permitiu construir a nossa identidade à base de uma diversidade de influências culturais, políticas e econômicas ao longo do tempo.

A Catalunha é um caso paradigmático. Pela sua própria realidade e pela sua própria consciência, a Catalunha pode e há de aspirar a ser, no futuro, se é que já não o é, um dos laboratórios de idéias que são necessários para construir um futuro no qual a identidade própria, assumida na sua complexidade, não continue a ser incompatível com a identidade

alheia, na qual o Estado e a nação equilibrem seus âmbitos de soberania e na qual o universalismo continue a ser uma construção da diversidade, e não uma negação dela.

As novas fronteiras da Catalunha não são as tradicionais. Não são as fronteiras históricas. Não são as fronteiras político-administrativas. Tampouco as fronteiras lingüísticas. Nem tão-somente as fronteiras que vêm marcadas pela renda per capita ou pelo nível de bem-estar social. As novas fronteiras da Catalunha são as da mentalidade, do pensamento e do imaginário coletivo. Mudá-las ou não, expandi-las ou não, é algo que só depende de nós.

Este livro pretende argumentar sobre a conveniência de que os catalães nos disponhamos a tomar em nossas mãos, com força renovada, a vida coletiva. A resposta catalã à tripla crise acima assinalada passa pela assunção da identidade concêntrica, pela articulação dos âmbitos da soberania na Europa unida e por uma nova cultura, na qual a convivência, e não somente a coexistência, continue a ser a melhor forma de respeito à diversidade.